

■ Pensando o contemporâneo no fio da navalha: entrelaces entre desejo e capital

■ **Claudia E. Abbês Baeta Neves**

Foucault, em um dos seus últimos trabalhos¹, cita uma frase de Baudelaire dirigida aos pintores da modernidade no século XIX : "vocês não têm o direito de desprezar o presente". Ele usa essa frase, inspirando-nos e convocando-nos a pensar o contemporâneo como quem busca fazer uma experimentação crítica nos interstícios dos acontecimentos. Nessa experimentação, o contemporâneo é marcado e afirmado em sua incompletude e em sua vibrátil potencialidade; afirmado como esse meio em que experimentamos o devir outro que nos constitui, seja quando pensamos ou quando fazemos isto ou aquilo. Não desprezar o presente requer a ativação permanente de uma atitude crítica de nosso ser histórico não para uma descoberta de si-mesmo, mas para a "invenção de si".

Fazer uma história do nosso presente é tomá-lo em sua incompletude, desvencilhá-lo do que o esgota em sua teia de causalidade e nos constitui como "figuras da história"². Esta incompletude se constitui como "o fora" dos extratos, ou seja, como condições que possibilitam a experimentação do que escapa da arregimentação da história nos interstícios dos dispositivos de saber, poder e subjetivação que nos constituem e constituímos, no entre da história e do devir. E é neste entre que é preciso fazer a história do presente - perpassado pelo que foi e pelo que será - lá onde "as forças perseguem seu devir mutante" e nos possibilitam fazer história para, nela e dela, desviar produzindo diferença.

O contemporâneo é aqui tomado como atualidade, como o friso que dobra o que se passa em torno de nós e o que acontece em nós. Enquanto tal, é

¹ Foucault, M. *Qu' est-ce que les lumières?* In: Dits et Écrits. Paris: Éditions Gallimard .Vol IV, 1994a. p. 562-578.

² Benevides, Regina.; Passos, Eduardo. *Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo*. In: Foucault 40 anos da história da loucura. *Revista de Psicologia Clínica* 13.1 RJ: Companhia de Freud / PUC-Rio, 2001.p.89

uma experimentação que nos convoca a andanças no fio da navalha, em meio aos riscos de seus cortes e pontos cegos.

Nas trilhas de Foucault, perguntamos: não seria o modo de produção capitalista, dentre os diferentes acontecimentos que inauguram o presente e constituem nossa atualidade, uma das nervuras do que está em torno de nós, acontece em nós e nos constitui do ponto de vista da produção social da existência?

O funcionamento do capitalismo no contemporâneo

Dentre as muitas enunciações produzidas pelo modo de funcionamento do capitalismo no contemporâneo, em suas formas híbridas de dominação política e subjetiva, as que mais nos chamam atenção são as que comprometem nossa mobilidade de antemão. Tal comprometimento se expressa na apresentação de um quadro geral - "tá dominado, tá tudo dominado"³, "o capitalismo engoliu o exterior"⁴ - que configura um novo totalitarismo. Sob o slogan da liberalização converte as lutas e, mais especificamente, a vida em reféns das vicissitudes ondulatórias e libertinas da "serpente"⁵ denominada capital financeiro. Este, em suas estratégias de modulação operatória, é imanente aos processos

³ Slogan de uma balada funk que anuncia o domínio, seja de uma nova forma de fazer música de protesto retratando a vida dos marginalizados, seja para anunciar que o tráfico, como poder paralelo, tem o domínio sobre a população..Aqui nos interessa chamar atenção para os muitos sentidos que este slogan ganha com referência " ao fim da história", ao "adeus ao trabalho". O debate sobre o funcionamento do capital mundializado tem se pautado em argumentos que apontam que o capital nunca foi tão forte e que o colapso do socialismo real marcou a irreversibilidade do capitalismo alçando as relações capitalistas à condição de eternas. A este respeito ver Frigotto, G. *A nova e a velha face da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos*. In Frigotto, G. ; Ciavatta, M.(Orgs) *Teoria e Educação no Labirinto do Capital*. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁴ Mostrando que "o capitalismo atual invadiu as esferas mais privadas e íntimas da vida humana, desde a fé ao corpo biológico, não há mais exterior para o capital. [...] e, conforme a observação de Frédéric Jameson, os últimos enclaves que ainda lhe resistiam, como o Inconsciente e a Natureza, capitularam de vez." In Pélbart, P.P. *A vertigem por um fio - Políticas da subjetividade contemporânea*, São Paulo: Iluminuras, 2000. p.26.

⁵ Deleuze usa a imagem da serpente para caracterizar as atuais modulações do capitalismo no contemporâneo. Deleuze, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 222-223.

de produção e reprodução social da existência, tentando neutralizar as lutas, que tenham como critério ético-político a produção da existência como problematização do presente e do porvir ⁶.

Para além e aquém da simples adesão ou recusa destas enunciações, interessa-nos aqui problematizá-las e pensá-las em seus efeitos, nos agenciamentos que produzem e atualizam, expressos nas "diferentes formas de se estar nos verbos da vida".

Foucault e Deleuze mostram-nos que a produção social da existência é tecida, assim como a existência, em meio à complexidade das combinações entre forças presentes ou atuantes no homem (como pensar, dizer, sentir etc.) e forças do fora. Na leitura deleuzeana de Foucault, as forças do fora são as do finito ilimitado, ou seja, as da manipulação de conjuntos finitos de elementos para combinações em número ilimitado. E isso diz respeito a qualquer conjunto finito de elementos, seja qual for a ordem: vida e materialidades.

As forças do fora podem ser compreendidas como o plano das forças, do entre; linhas de diferença em ação em meio as quais o próprio humano encontra as condições de sua variável constituição, desse modo, o fora não é o exterior ou uma projeção fantasmática e imaginária. É sempre a partir do fora, diz Deleuze, que uma força é afetada por outras e se apresenta sempre como "abertura de um porvir, com o qual nada finda, pois que nada começou, mas tudo se metamorfoseia"⁷.

As combinações que se constituem de forças no homem e de forças do fora produzem uma forma hegemônica em cada configuração histórica. Cada configuração histórica exhibe suas dominâncias imbricadas nos entrelaces dos processos de saber, poder e subjetivação⁸.

⁶ Porvir, aqui, entendido como dimensão de futuro que não se reduz a um tempo cronológico que sucederia o presente, e sim, como ruptura e condição possível no presente afirmada pela desterritorialização operada pelas linhas de fuga.

⁷ Deleuze, G. Foucault. Lisboa: Vega, 1987. p.121.

⁸ A este respeito ver o texto Orlandi, L.B.L. *Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?* Cf. Rago, Orlandi e Veiga-Neto (Orgs.), *Imagens de Foucault e Deleuze*, RJ, DP&A, 2002, pp. 217-238.

A configuração histórica de nosso contemporâneo vem se afirmando, dentre outras, na intensificação de um funcionamento paradoxal da estratégia de produção capitalista no que se refere à produção social da existência, da vida, em sua materialidade e imaterialidade. Este funcionamento paradoxal se evidencia da seguinte forma: uma estratégia de produção que se apropria de uma potência de ilimitação contrariando esta potência da qual ela se apropria.

Explicitando melhor o paradoxo, podemos dizer que o modo de produção capitalista se apropria, em sua estratégia atual de produção, de uma potência de ilimitação expressa na capacidade de levar um conjunto finito de elementos a um número ilimitado de combinações entre forças presentes ou atuantes no homem e as mais variadas composições de seu ambiente vital, potência que a vida, a ciência e as tecnologias evidenciam. Mas, como ele o faz cada vez mais em prol da acumulação do seu cada vez mais incontrolável e improdutivo componente denominado capital financeiro, ele contraria a própria potência de ilimitação que ele ajudou a promover, e da qual continua se apropriando, através de controles auto-modulantes e fluidos que visam, ao mesmo tempo, extrair "mais" potência e gerir as forças produtivas e a vida em todas as suas expressões. Essa estratégia de produção funciona como modulação operatória que, serpenteando em meio a liberações e controles, é imanente nos processos nos quais estas combinações se efetuam.

Primeira vertente do paradoxo: apropriação de uma potência de ilimitação

A primeira vertente do paradoxo, expressa na afirmação da apropriação de uma potência de ilimitação, pode ser pensada, numa configuração molar, em suas articulações com as produções de máquinas técnicas e suas inovações no campo da biotecnologia, da robótica, da engenharia genética e o mapeamento do código genético, da comunicação em sua abertura para uma interatividade global e um acesso rápido à informação. Produções, estas, que intervêm para prolongar a existência ou para geri-la, expandindo seus limites e "intensificando" sua potência inventiva.⁹

⁹ Rolnik mostrando a subsunção da vida, como potência de invenção, pelo capitalismo mundial integrado, mostra que a força de invenção e a tensão mobilizada como próprias da vida em sua

Neste regime a dinâmica ocorre pela reorganização, pela flexibilização do capital produtivo e pela liberação dos fluxos do capital improdutivo (financeiro). Tal dinâmica se expressa na internacionalização do sistema financeiro, na desterritorialização da mão-de-obra e da produção, num consumo cada vez mais incentivado de mercadorias, de informações, de imagens de si, descartáveis ao sabor das novas necessidades produzidas para fruição da acumulação capitalista.

Foucault¹⁰ chamava atenção para a emergência, desde o século XIX, de uma nova tecnologia de poder que funciona tomando "posse da vida desde o orgânico ao biológico". Ele a denomina de biopolítica e mostra que ela se exerce tomando a população. Já não toma mais o corpo para individualizar, docilizar e disciplinar, mas o toma para operar uma individualização que recoloca os corpos nos "processos biológicos de conjunto", como fenômenos coletivos que só ganham pertinência no nível das massas. Apesar de funcionar de modo inverso às antigas tecnologias de poder da soberania, - expressas na vontade e no direito do soberano de "fazer morrer e deixar viver", - e da disciplina, - que rege a multiplicidade dos homens para torná-los individualidades a serem controladas, treinadas e vigiadas, o biopoder não as apaga. Ele as conjuga, "penetrando-as, perpassando-as e modificando-as" e, em seu exercício de "fazer viver e deixar morrer" toma a vida do homem como ser vivo, como espécie.

Do ponto de vista biopolítico, estes processos de intensificação da vida estão incondicionalmente conjugados aos processos de ativação das forças produtivas e de sua reprodução, pois o modo de produção capitalista, hoje, materializa-se

potência de variação nos processos constitutivos de individuação, nutrem o capital e são capturadas por ele " o capital não apenas se nutre dessa tensão agravada e dessa força de invenção turbinada, mas ambas constituem sua principal fonte de valor, seu mais rentável investimento. [...] A força de invenção turbinada, o capital a captura a serviço da criação de esferas de mercado: territórios-padrão cuja formação é dissociada do processo, substrato vital que havia convocado aquela força e passa a ter como princípio organizador a produção de mais-valia, que sobreco-difica o processo. Essa é base do aparelho de homogeneização que tem o nome de "consenso", necessário para fazer funcionar o mercado. Rolnik, Sueli . "A vida na berlinda" in *Revista Trópicos 2002*. Capturado na internet em 24/07/02.

¹⁰ Foucault, M. Aula de 17 de março de 1976. In Foucault, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 285-315. Foucault, M. A governamentalidade. In *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 277-293.

não só em toda a sociedade e em todas as relações sociais, mas também, e, primordialmente, no governo da "natureza humana" e da vida em sua virtualidade. Os afetos, o conhecimento, o desejo são fortemente incorporados ao atual regime de acumulação capitalista.

Deleuze e Guattari chamam atenção em todo o *Anti-Édipo*¹¹ e mais tarde em *Mil Platôs*¹² para a coextensividade da produção desejante e da produção social, mostrando que o socius não é um todo autônomo mas um campo de variações entre uma instância de agregação (máquinas molares - técnicas e sociais) e uma superfície de errância (máquinas desejantes) como regimes diferentes de uma mesma produção imanente. Contrariando a tradição que ligava o desejo à falta de objeto e a economia política que reduz as relações entre forças à dimensão capital e trabalho¹³, afirmam que a economia do desejo e a economia política são uma só: economia de fluxos. Homem e natureza estão imersos numa "universal produção primária", produtividade de fluxos e cortes de fluxos da produção desejante, que se caracteriza pelo produzir sempre o produzir, pelo injetar produzir no produto, pela produção de produção.

Tal afirmação implica, por um lado, à desnaturalização das análises que inscrevem o campo social numa dicotomia totalizante e excludente entre molar (macropolítica) e molecular (micropolítica), seja numa perspectiva de escala

¹¹ Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

¹² Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. 235 p.

¹³ A este respeito, ver a discussão de Maurício Lazzarato (2001) "Le gouvernement par l'individualisation". In: *Multitudes*, Paris: *Exils*, n.4, mars 2001, p.153-162. Lazzarato, partindo da proposta de "refundação social" anunciada pelo Medef (movimento de empresas na França), mostra que esta proposição expressa a determinação patronal de "gerir a vida" do ponto de vista da lógica do lucro. Chama atenção para o fato de que esta prerrogativa biopolítica, de incitação, de controle, de vigilância e de individualização, antes atribuída às funções do Estado como forma de controle no governo da sociedade é reivindicada pelo patronato como forma de atrelamento das forças sociais às forças do capital e do trabalho. Em suas análises, mostra uma reincidência da análise da economia política (realizada tanto por sindicatos, quanto pelos intelectuais orgânicos), que Foucault já criticava, inclusive em certas análises marxistas, quando reduzem a relação entre forças, que marcam a heterogeneidade do campo social, a forças do capital e do trabalho. Diz Lazzarato: "Aqui o marxismo e, em geral, a cultura do trabalho tocam seus limites "não ultrapassáveis", porque eles assumem apenas uma função das empresas, a exploração econômica, sem integrar os outros: o governo pela individualização e as relações de biopoder" (tradução nossa). p.161.

(maior/menor) ou numa perspectiva de sobredeterminação (do macro sobre o micro). Por outro lado, convoca à uma mudança de lógica fazendo-nos transitar num plano de processualidades onde a variação é contínua e as relações são produzidas por conexões de fluxos intensivos e heterogêneos, "tudo é político mas toda política é ao mesmo tempo macro e micropolítica".

Donzelot,¹⁴ comentando o Anti-Édipo e as subversões que este livro opera, tanto na psicanálise quanto no marxismo, afirma que o lugar que ocupa o conceito de produção na obra faz "do empreendimento de Deleuze e Guattari um hiper-marxismo" e se o desejo é produção, "toda a produção é confrontável com a produção desejante; [...] O desejo alcança assim lugar no conjunto marxista das forças produtivas. Ele só é refreado, regulado, por aquilo que regula qualquer produção".

Deleuze, em uma de suas conferências sobre o Anti Édipo¹⁵, relativa ao modo de funcionamento do capitalismo, afirma que o que passa sobre o corpo de uma sociedade são sempre fluxos. Os fluxos, numa formação social, falam dos caracteres dos investimentos sociais, coletivos, e dos investimentos inconscientes no próprio campo social.

O socius, como dispositivo historicamente produzido, é pensado em seu funcionamento maquínico que se define por fluxos heterogêneos, independentes e irredutíveis, geradores de infinitas formas de semiotização. Desse modo, ele não se constitui por objetos e sujeitos que o preexistem, mas se produz, ao mesmo tempo, num mesmo plano, como efeito do encontro dos corpos que os fluxos estabelecem entre si. O ser vivo é, assim, um corte no fluxo. Os fluxos são o corpo primeiro do "socius"; sempre acontecem e vão sendo definidos a partir das especificidades dos encontros.

O encontro dos corpos, onde fluxos se conectam, é presidido por uma operação maquínica. As máquinas¹⁶ são, assim, fluxo e corte de fluxo. Elas não

¹⁴ Donzelot, J. *Uma anti-sociologia*. In Carilho, Manuel Maria (Org.). *Capitalismo e esquizofrenia: dossier Anti-Édipo*. Tradução José Afonso Furtado. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976. p.167.

¹⁵ Deleuze, G. *Cours à propos du Anti Oedipe*, 16/11/71. Disponível em: <<http://www.web-deleuze.com>> Acesso em: 20 jun. 2000.

¹⁶ O conceito de máquina é um conceito central nas obras de Deleuze e Guattari. Ele é utilizado por Guattari, já em 1969 para fazer uma diferenciação da idéia de estru-

querem dizer nada, apenas funcionam por desarranjo, fragmentação, acoplamento e, quando agenciadas, produzem territórios, outras máquinas, fluxos e universos existenciais. Esta noção de máquinas (técnicas, sociais, desejantes), presente desde as primeiras páginas do *Anti-Édipo* e posteriormente reunidas em *Mil Platôs* sob o nome de máquina abstrata, aponta para a construção de um plano de maquinação e conexão permanentes, no qual só há linhas, processos, intensidades, objetos incorporais e variações. Este plano é o plano de imanência cujo processo é de co-produção e acoplamento: nele não há sujeito ou unidades pré-formadas, mas multiplicidades. O funcionamento das máquinas, em seus arranjos e aparelhos, produz o mundo juntamente com os sujeitos e os objetos que o constituem.

Toda sociedade, diz Deleuze, só tem medo de uma coisa: dos fluxos não codificáveis. O drama de toda sociedade, à exceção da nossa, é o medo do que foge dos seus esquemas de codificação e territorialização, daquilo que desliza sobre seu corpo social e não se sabe o que é, o que pode produzir.

Deleuze e Guattari, ao afirmarem que, onde há produção e reprodução sociais, há produção desejante, sinalizam que as formas de produção social implicam, elas também, um elemento de anti-produção acoplado ao processo de produção. Um corpo pleno denominado como *socius* (corpo da terra, corpo do déspota ou capital) que, funcionando como superfície de registro, se rebate sobre as forças produtivas e apropria-se delas desarranjando-as.

No caso do capitalismo, o capital se constitui como o corpo sem órgãos do processo capitalista, inserindo-se entre o produto e o produzir como fluxo de poder mutante que toma para si a deriva da força de trabalho e os limites de sua própria fruição. Desse modo, o capital não é somente a substância fluida e petrificada do dinheiro, mas confere à esterilidade do dinheiro a forma sob a qual este produz dinheiro e uma mais-valia "como substância motora de si própria".

tura visando, a partir desta diferenciação, explicar o funcionamento dos grupos que vinha desenvolvendo em *La Borde*. Mas é especialmente no *Anti-Édipo* (1972) que as diferenças entre máquina e mecanismo se fortalecem na construção do conceito de máquina como sistema de cortes-fluxos que incidem sobre um "fluxo material contínuo".

O corpo pleno transformado no do capital-dinheiro suprime a distinção da produção e da anti-produção; ele mistura em todo lugar a anti-produção às forças produtivas, na reprodução imanente de seus próprios limites sempre alargados (axiomática).

A máquina capitalista só está plenamente montada quando o capital se apropria diretamente da produção e se apresenta como superfície de registro, operando relações diferenciais ¹⁷ (de determinação recíproca) entre os fluxos da produção sob a forma de capital dinheiro (fluxos monetários sob a forma de fortuna de mercado advindo das formas iniciais do capital comercial e bancário) e os fluxos descodificados do trabalho sob a forma de trabalhador livre (fluxo de trabalhadores sob a forma de expropriação /desterritorialização dos servos e pequenos agricultores quando transformados em "livres" possuidores de sua força de trabalho) e a descodificação dos fluxos inconscientes (fluxos intensivos do desejo).

As relações diferenciais instauram relações formais entre quantidades flutuantes e formam a axiomática capitalista que conjura, controla e compensa a multiplicidade crescente das combinatórias advinda dos processos de desterritorialização e descodificação. Por um lado, ela converte os limites exteriores em limites interiores, definidos pelo funcionamento do próprio capital, que ela reproduz em uma escala sempre maior. Substitui os limites anteriores, recriando-os em novas combinatórias e reproduzindo-os na mesma escala, não cessando de produzir reterritorializações (subjetivas, propriedade privada). Estes processos caracterizam o funcionamento imanente da máquina capitalista, pois é, numa mesma operação, que o capitalismo desterritorializa e descodifica os fluxos e substitui uma axiomática aos códigos em ruína. Ao contrário das máquinas sociais

¹⁷ As três formas de relações diferenciais se dão entre fluxos descodificados e correspondem às três formas do capital. No capital industrial, ela se dá entre potências diferentes e independentes de determinação recíproca: o fluxo de capital e o fluxo de trabalho que ficam virtualizados. No capital financeiro, ela se dá entre fluxos de renda e pagamento e fluxos de financiamento. Estes, não são duas formas de dinheiro mas as duas faces em que ele se apresenta. No capital de mercado, os fluxos de mercado onde se insere a inovação e do qual extrai a sua rentabilidade, e os fluxos de conhecimento e inovação que são de tipo financeiro, mostram que não é o mesmo tipo de dinheiro que paga a inovação e define a rentabilidade desta inovação.

precedentes, a máquina capitalista é incapaz de fornecer um código que cubra o conjunto do campo social. A própria idéia do código ela substitui no dinheiro por uma axiomática das quantidades abstratas¹⁸.

Provém, daí, a relação que Deleuze e Guattari fazem entre capitalismo (no que se refere ao processo econômico) e esquizofrenia (no que se refere ao seu processo), afirmando que ambos não se configuram numa forma concreta e não param de fazer passar, interceptar, concentrar fluxos descodificados. Chama também a atenção para uma diferença de funcionamento destes processos, mostrando que a esquizofrenia vai mais longe no processo de descodificação e desterritorialização. O capitalismo funciona sobre uma conjunção de fluxos, mas com a condição de os introduzir, ao mesmo tempo, num novo tipo de máquina. Uma máquina não mais de código, e sim uma máquina axiomática, cujo limite pode ser dado pelos fluxos (em seu funcionamento esquizo) não, porém, pelas relações diferenciais entre os fluxos.

A positividade do funcionamento capitalista é se constituir sobre o negativo das outras sociedades (enfraquecimento dos códigos). Ele não enfrenta esta situação de fora, ele vive dela e nela encontra, concomitantemente, sua condição e sua matéria, impondo-a com toda a violência.

A reanimação do capitalismo se dá sob este signo: o de estar sempre pronto para juntar um axioma a mais à máquina. Seu funcionamento é paradoxal à medida que se constitui historicamente sobre o drama das outras sociedades: a existência e a realidade de fluxos descodificados que ele toma para si, desterritorializando e produzindo combinatórias em escalas cada vez maiores.

Poderíamos dizer que este funcionamento não é novidade. Marx já apontava que o capitalismo historicamente sempre sobreviveu contrariando a sua tendência, tendo como combustíveis para sua acumulação, a "vampirização" da vida do trabalhador e de seu fazer: "O capital é trabalho morto que como um vampiro se reanima sugando o trabalho vivo e quanto mais o suga mais forte se torna"¹⁹

¹⁸ O capitalismo no nível da economia inventa o infinito: na produção o produzir por produzir nas condições do capital e o capital infinito, sob a forma de relações diferenciais entre fluxos, que faz marchar a dívida infinita. Desse modo, o corpo social, sob a forma de capital dinheiro e a dívida, tornam-se processos infinitos sob o garrote da axiomática capitalista.

¹⁹ Marx, K. *O capital: crítica da economia política; livro primeiro: o processo de produção do capital*. 12. ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. 2 v. p.263.

Pois, então, o que nos faz afirmar a dramaticidade de sua transmutação contemporânea a partir de novos paradigmas?

Configurações do capitalismo: o vampiro insone

O vampiro de nossos dias é insone e fashion, não repousa nunca. Segundo Sant'Anna: "Sua insônia é sua força. Está nas praias, nos shoppings, nos laboratórios, nas cidades e nas florestas. Parece enfim, plugado a todo ser vivo, como uma larva banal, explorando não apenas realidades e fatos, mas, também, virtualidades e processos"²⁰.

Concordamos que o capitalismo sempre subsistiu da extração da mais-valia através do processo de subsunção real do trabalho ao capital. Por conta disto, manteve com o trabalhador uma relação de assujeitamento (disciplinariização da vida do trabalhador e de seu fazer) e de "dependência" (enquanto este lhe possibilitasse ser convertido em mais dinheiro). Entretanto, tal relação se atualizava, em suas diferentes linhas constitutivas de saber, poder e subjetivação, a partir de três funcionamentos principais: a concentração, a homogeneização e a dicotomização.

A concentração pode ser vislumbrada na centralização da produção, da mão-de-obra, de um mercado, na maior parte das vezes de contorno nacional²¹, da forma-dinheiro, do estoque de mercadorias, dos bolsões de miséria em favelas, guetos ou periferia etc.

Com relação à homogeneização, podemos nos reportar à padronização de tarefas; à imposição da relação salarial fabril como padrão de referência para

²⁰ Sant'anna, D. Transformações do corpo. In: RAGO, M.; Orlandi, L. B.L.; Veiga-NETO, A. (Orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze*, RJ, DP&A, 2002 p. 103-104.

²¹ A este respeito é importante marcar as análises de Wallerstein, I., numa entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* (fev. 2002), por ocasião do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, quando ele salienta que o desenvolvimento econômico não têm os países ou as sociedades como seu objeto mas a economia mundo; e mostra que esta economia mundo não é um fenômeno recente, mas um fenômeno de longa duração, pois "há 400 anos, o planeta vive num único sistema histórico, a economia mundo capitalista. Ele mostra como a economia capitalista atingiu, em 400 anos, uma enorme expansão da produção mundial e um incrível avanço tecnológico, ao mesmo tempo que criou uma atroz quantidade de destruição e de empobrecimento de amplos segmentos das populações mundiais.

a proporcionalidade de gastos e receitas; à constituição de modelos subjetivos de trabalhador, pai, mãe, patrão e família comandados pela produção; à incorporação da cooperação, da integração e da comunicação a serviço da máquina.

E, no que diz respeito à dicotomização, aludimos à visibilização mais nítida de fronteiras entre local de trabalho e casa; empregado e desempregado, público e privado, lutas sindicais dos trabalhadores e lutas patronais, de uma ação disciplinar sobre o corpo do trabalhador e resistências opostas a esta disciplinarização.

Podemos dizer que estas relações, do ponto de vista da produção social da existência, se produziam num funcionamento imanente da máquina capitalista; entretanto, esta, em seu processo de expansão e de acumulação, foi ficando cada vez mais coextensiva a ele.

Respiramos capitalismo, temos nossa existência tomada pelo modo de produção capitalista, como se ele esgotasse toda nossa imersão na imanência, a tal ponto que só nos reconhecemos como entes levados pelas suas descodificações, desterritorializações e reterritorializações, como se na falta de sua axiomática não pudéssemos nem mesmo agir ou pensar, como se ele fosse nosso próprio dentro e fora. Constituindo-se como *socius*, o capital assalta a vida em suas configurações extensivas (andar, correr, amar, viver, trabalhar...) e intensivas (afetos) como forma de extrair, seletivamente, as forças mobilizadas em seus deslocamentos e acumulação.

O novo paradigma, no qual funciona o capitalismo hoje, apesar de sabermos que muitos dos antigos funcionamentos permanecem e se hibridizam com os novos, é, em especial marcado por uma tendência à dispersão, à heterogeneidade num funcionamento imanente.

O funcionamento "dispersivo" deste novo paradigma impõe formas de produção descentralizadas e voltadas para o exterior, tendo como parâmetro estabelecer um "estoque zero" à medida que produz o que já foi vendido. A constituição de um mercado idealmente globalizado, sem fronteiras e de caráter transnacional, implica na primazia do capital financeiro, e sua liberação, e na constituição de uma mão-de-obra internacionalizada. Um dos efeitos do funcionamento deste paradigma tem sido a exportação da miséria e do nível de desemprego em bolsões por todo o planeta.

Um outro aspecto do funcionamento atual do capitalismo diz respeito à sua heterogeneidade²². Esta combina trabalhador "polifuncional"²³, flexibilização e informalização da relação salarial via terceirização ou prestação de serviços, com modulações auto-deformantes de subjetividades laminadas em poli-identidades de trabalhador, mãe, pai, família, gestor. Neste processo, a comunicação, a iniciativa e o conhecimento tornam-se dimensões das quais depende a produtividade.

Por último, mas não em ordem hierárquica de prioridades, citamos um funcionamento imanente no qual estão imersos os outros dois aspectos. Este funcionamento se atualiza na abolição de limites espaço-temporais para ilimitação do capital e de seu processo de acumulação, e também na virtualização e desterritorialização do capital produtivo em fluxo financeiro. O fluxo de trabalhadores é apropriado pelo capital como potência imaterial, virtualmente descartável, utilizando-se de um controle contínuo e ininterrupto que visa à extração da potência criativa do trabalhador, com acento no "trabalho vivo", imaterial.

A axiomática da relação diferencial faz funcionar a máquina capitalista e expressa o funcionamento imanente do capital. Esta máquina só funciona desarranjando-se, como forma de produzir as mais diferentes combinatórias entre fluxos de trabalho, fluxos do dinheiro transformado em capital e fluxos libidinais inconscientes. A questão para nós, como assinalam Deleuze e Guattari, é ver como estes fluxos deslizam e se rebatem sobre o socius - transformado em capital - na sociedade capitalista. Nesta dimensão, a teoria dos fluxos, pode explicar o que evidencia o drama do nosso contemporâneo: o modo de produção capitalista apresentando-se como nosso plano de imanência do ponto de vista da produção social da existência.

²² É importante ressaltar que, se, por um lado, esta tendência à heterogeneidade sinaliza uma mutação de paradigma do capital, por outro lado, não se pode deixar de perceber que este processo aponta também para uma sobrevivência do taylorismo; para aquilo que perdura como sua conquista máxima: a da crescente concentração num número decrescente de agentes das funções mais determinantes do aumento da produtividade, como a de concepção. Senão, como explicar o desemprego estrutural ou o barateamento crescente da mão-de-obra, incluindo aqui os polifuncionais cada vez mais barateados?

²³ Cocco, Giuseppe. *Trabalho e Cidadania*. São Paulo: Cortez, 2000. Neste livro o autor faz a diferenciação entre o modo de produção taylorista e fordista do pós fordista

O funcionamento imanente da máquina capitalista se faz na extração do que Deleuze e Guattari chamam de uma mais-valia de fluxo, ao mesmo tempo humana, financeira e maquinica²⁴. A máquina axiomática produzida pelo capitalismo contemporâneo marca seu funcionamento primordialmente no plano molecular onde não se tem sujeito e objeto constituído, mas potências e linhas de subjetivação. Neste sentido é que podemos entender que seu "alvo principal" não seria as classes e suas representações, mas o que eles chamam massa e suas linhas de diferenciação com relação ao segmento molar.

A mais-valia na sociedade capitalista se converte em mais-valia de fluxo desde o ponto de vista da produção econômica até a produção da vida. Sua extorsão não se restringe à mais-valia humana, mas assalta as forças do vivo em sua potência desejante, de inventar vida, para dele extrair mais força para os deslocamentos que operam a ilimitação da axiomática capitalista.

No plano da produção econômica a mais valia de fluxo é o resultado da relação diferencial entre os diferentes tipos de fluxos oriundos do capital industrial - fluxo de trabalho e capital que gera mais-valia humana que se produz do trabalho humano -, do capital financeiro - fluxo de financiamento e fluxo de renda que gera uma mais-valia financeira - e capital do mercado - fluxo de mercado e de inovação produzindo uma mais-valia maquinica. Estes fluxos não são definíveis independentemente uns dos outros; eles estão em relação de determinação recíproca, o que garante que o capital, em sua flutuação e fruição, se converta em meios de produção e o trabalhador encontre, no mercado, quem compre sua força de trabalho; de outro modo, virariam puras virtualidades. A mais-valia humana é exportada a partir de fluxos de trabalho humano que pode ser evidenciado na dispersão e na internacionalização da mão-de-obra. A mais-valia humana guarda uma importância decisiva no centro e em setores altamente industrializados. É acrescentada a ela uma mais-valia maquinística que não depende diretamente da ciência mas do capital. Ambas constituem o conjunto da mais-valia de fluxo que caracteriza o sistema capitalista.

O capital, como instância produtiva estéril, se apropria de uma potência de ilimitação, ao rebater, distribuir e registrar a produção e a reprodução social

²⁴ Deleuze, G.; Guattari, F. *Micropolítica e segmentaridade*. In: Mil Platôs, v.3, 1996, p.83-115.

em sua axiomática, apresentando-se como empreendedor, ao mesmo tempo econômico e ontológico. Esta apropriação é afirmada na produção social da existência quando toma seletivamente "o cérebro do trabalhador" e a "potência vital" como combustíveis para seus deslizamentos/deslocamentos; o capital faz a seleção da diferença que a ele interessa no campo das diferenças; ele precisa de partículas que operem favoravelmente a sua acumulação. Mas estes "combustíveis" também podem funcionar para corroê-lo, pois são "batizados", afetados, por outras composições que o fazem engasgar e, em alguns momentos, travar.

Segunda vertente do paradoxo: uma estratégia de produção que contraria a potência da qual ela se apropria

A segunda vertente do paradoxo só pode ser pensada partindo do entendimento de que os processos que contrariam a potência de ilimitação, reterritorializando-os em controles auto-modulantes, e se evidenciam na vida, nas tecnologias e nas ciências, são os mesmos que dela se apropriam para expandir-se, ou seja, estes processos, como vimos anteriormente, são imanes, se dão por determinação recíproca.

O capital vem esbarrando nos limites absolutos do processo real de valorização e, apesar de empurrar estes limites cada vez mais para frente em sua lógica de expandir-se - via mundialização e "vampirização" das sinergias da vida -, tem se defrontado com alguns entraves reais (para onde mais se expandir). Tais entraves o fazem assaltar, não somente, os últimos recursos disponíveis e gratuitos da natureza (água, ar, luz solar), mas, sobretudo, tomar para si a gestão da vida em suas dimensões biológicas e subjetivas, fazendo do sono, do desejo, da afetividade e da sexualidade, um terreno direto da valorização do capital²⁵.

²⁵ Temos visto atualmente o crescimento e o alto índice de audiência dos chamados "reality-shows" na televisão brasileira (Big-brother, Casa dos artistas, Fama...) que, embalados numa feroz maquinária midiática (revistas semanais de fofoca, vídeos de momentos picantes destes shows não exibidos na telinha, cds com trilha sonora, reportagens nos jornais com a família, vizinhos e amigos dos concorrentes que saem ou permanecem no programa etc) vendem, como kits "prêt-à-porter", a realidade cotidiana - dormir, escovar os dentes, trocar de roupa, comer, convivibilidade ... - cuja garantia é a inclusão nas órbitas do lixo do capital embrulhadas em imagens de fama instantânea e "subjetividade-clone" com curto prazo de validade.

O capital, como vimos anteriormente, investe em especial, nos processos de produção da vida, em suas variações, apresentando-se como seu empreendedor ontológico. Este como "valor que se auto-valoriza" precisa destas variações para expurgar seus limites internos de acumulação. E mais: incita e sustenta até mesmo, como aponta Rolnik, modos de subjetivação singulares, mas para serem reproduzidos e reificados como mercadorias de consumo de massa e identidades "prêt-à-porter" separados do extrato intensivo da vida. A perversão do capitalismo está em desconectar a singularização do processo, em dissociar a força de criação do substrato intensivo, ou seja, de separá-la do que o corpo intensivo está pedindo. Desta forma, ele faz desaparecer "a distância entre produção e consumo" onde "o próprio consumidor torna-se matéria prima e o produto de sua maquinação"²⁶.

Em sua axiomática de dominação e assujeitamento, o capital toma a vida em sua variação constitutiva e molecular, reproduzindo-a e estendendo-a às combinações mais inusitadas na organização dos desejos, das necessidades e da criação, demandando, destas, os arranjos mais inusitados para seu funcionamento. Ao mesmo tempo em que "libera" a vida a novas invenções, a constringe integrando-a, impedindo ou desviando suas fugas em superfícies de estratificação e sobrecodificação. Aquilo que escapa das sobrecodificações axiomáticas, ou seja, a produção de corpos intensivos onde acontece a conectividade do desejo, o capitalismo busca modular.

Serpente ondulatória

Deleuze, ao falar da sociedade contemporânea como sociedade de controle²⁷, chama também atenção para este novo funcionamento do poder, já anunciado por Foucault, que opera ao "ar livre" e por modulação contínua; um tipo de controle que nunca destrói as coisas completamente; ao contrário disto, as transforma contínua, ilimitada e rapidamente, de forma imperceptível - como

²⁶ Rolnik, S. *Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer*. In: Orlandi, L.B.L.; Rago, M.; Veiga-Neto, A. (Orgs.), 2002. p.310.

²⁷ Deleuze, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle in Deleuze, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

"um gás" -, não as deixando jamais terminar. Em seus controles auto-modulantes, tendo os aparatos midiáticos como instrumento auxiliar principal, decreta a obsolescência instantânea de formas de vida, de gostos, de valores, produzindo subjetividades-metástases, massa amorfas a serem constantemente divididas e moduladas. Ao mesmo tempo em que produz desterritorialização contínua e enuncia "tenha criatividade, seja múltiplo, mude sempre", produz subjetivação serializada que encarcera a força de criação sobrecodificando-a nos limites das demandas do mercado do consumo.

Ao distinguir "a lógica" de funcionamento das chamadas "sociedades de controle" daquela das "sociedades disciplinares", Deleuze afirma que o dinheiro seja o "que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro - que servia de medida padrão - , ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda". E prossegue, indicando um animal para cada uma dessas sociedades: "A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle". E a passagem conclui, com um misto de humor e inquietação: "Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. Encontramos aí, nos próprios dispositivos de controle, uma ilimitação cuja potência enrosca-se no incontrolável da serpente financeira pois, se "o homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, [...] o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo".

A estratégia de produção do capital operando como "serpente" ondulatória, em ritmo de fluxos financeiros, se dá como forma de expurgar suas crises e os limites de sua acumulação. Sua modulação dispersiva, como forma de sobrevivência, altera o contorno de países fazendo do planeta seu solo. Produz centros de produção de alta tecnologia em países chamados de "periféricos", da mesma forma que constrói zonas de pobreza nos chamados "países centrais". Decreta a crise da relação salarial de tipo fabril, substituindo-a pelas relações no jogo do "livre" mercado. Este é regulado internacionalmente pelo grupo dos oito países mais ricos do mundo e coordenado por organismos

transnacionais (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio, OCDE) que asseguram a farsa do livre-comércio entre nações, ao mesmo tempo em que dão suporte aos países mais industrializados - G8, para "adoção de políticas restritivas à livre-circulação, através de retaliações comerciais, medidas anti-dumping, estabelecimento de quotas para importação, regulamentação das patentes."

Na prática, os países em desenvolvimento são submetidos a ter a sua economia incondicionalmente submetida à lógica de operação de quem controla o mercado mundial que, em seus processos de modernização crescente, vêm produzindo um enorme contingente de desempregados e precarizados no trabalho informal e imensos bolsões de miseráveis espalhados pelo mundo como, vidas descartáveis, cuja agonia é gerida pelo capitalismo ²⁸.

O atual regime de acumulação capitalista tem, como mais altos valores do trabalho, a comunicação, a informação e a cooperação, sobre os quais o capital também incide suas operações de redução de valor. Este regime, no plano molar do trabalho, faz emergir uma nova engenharia produtiva calcada na inteligência no e do trabalho que opera, segundo Athaide ²⁹, combinando as novas opções técnicas e organizacionais à variabilidade das situações. Neste processo, o capital tem o lugar de empreendedor organizacional da produção, a partir do qual as técnicas informacionais se subordinam e são implementadas, requerendo uma nova qualificação operativa que é delegada, nos processos de produção, às relações de cooperação, comunicação e produção do conhecimento, antes demonizadas ³⁰, entre conceptores e executores.

²⁸ A este respeito ver o artigo '*Que esperança tem a África? Que esperança tem o mundo?*' In: Wallerstein, I. *Após o liberalismo. Em busca da reconstrução do mundo*. 2002, p. 55-77.

²⁹ Athayde, Milton Raimundo Cidreira. *Gestão de coletivos de trabalho e modernidade: questões para a engenharia de produção*. 1996. 257p. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção) - Coordenação de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

³⁰ A hegemonia do modo capitalista de produção engendrou-se em meio a complexas lutas que colocaram em cena configurações diversas do mundo do trabalho. O uso de modelos operatórios cognitivos pelo trabalhador perante os problemas, sua rede informal de cooperação e informação, quando postos em cena no processo de trabalho, eram vistos, na época da manufatura industrial, como uma "contra-organização", uma forma de escape do trabalho prescritivo assentado no paradigma codificado nas técnicas de organização científica do trabalho. A forma

O desenvolvimento crescente, ancorado em inovações no campo da cibernética, e as inovações tecnológicas, "operando globalmente ao ritmo de fluxos financeiros, vêm reduzindo quantitativa e qualitativamente a necessidade de força humana". Observamos hoje a agudização da configuração do que, há décadas, vem sendo estudado como degradação do trabalho operário, configurando-se numa "decrecente classe operária cada vez mais reduzida a uma apendicularidade tecnológica, a uma subposição operatória de auxiliar do maquinismo"³¹.

Entretanto, Atháide (1996), analisando as dimensões coletiva, comunicacional e imaterial, como marcas da modernidade, nos mundos do trabalho contemporâneo, mostra que a utopia do capital, da plena dispensabilidade de força de trabalho humana, não se deu, apesar da chamada "revolução tecnológica" ter produzido, em seu bojo, a precarização do trabalho, o aumento do desemprego, a desativação de diversas empresas decretadas obsoletas, diante da impossibilidade de investir em tecnologia e automação, e a exclusão crescente agravada pelas desigualdades entre os diversos países. A crescente automação do processo produtivo não rompe com o caráter decisivo do fator humano e requer qualificação crescente do trabalhador, rapidez de intervenção, responsabilidade e faz crescer a necessidade de atividades de manutenção, exigindo do trabalhador o acúmulo de diferentes tarefas, um polivalente, para operar as máquinas. Sua posição é cada vez mais apendicular, mas ainda seletivamente necessária "para controlar, prevenir, consertar panes e para otimizar o processo

manufatureira industrial encontrou sua expressão mais reveladora no paradigma taylorista-fordista que, nas primeiras décadas deste século, se desenvolveu nos EUA, emergindo como solução restritiva ao poder dos trabalhadores, nos processos produtivos, sobre o tempo das fabricações e como forma de controle do capital sobre o trabalho. A engenharia produtiva taylorista e fordista construiu sua eficácia nas linhas de produção, em postos de trabalho parcelados e encadeados tanto na fabricação quanto na montagem, baseando-se no parcelamento, especialização e intensificação do trabalho com produção em grandes séries de mercadorias padronizadas a baixo custo. Já em 1930 a pesquisa de Elton Mayo, na Western Electric Company, para análise da produtividade, detecta a evidência das relações humanas, no processo de trabalho, em suas redes de comunicação e a constituição de lideranças naturais que se opõem aos ditames da gerência, mas é, após a 2ª guerra mundial, que as relações humanas ganham importância e são manipuladas para resolução de conflitos no trabalho.

³¹ Orlandi, L.B.L. *Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?* 2002, p.30.

produtivo (pois que as novas técnicas de produção automatizadas multiplicam tais perigos e defeitos afetando o processo de fabricação)".

Negri e Hardt mostram que o trabalho imaterial compreende o intelecto, e não simplesmente o trabalho intelectual, em sua plasticidade e possibilidade de inserir-se em qualquer situação. Este não tolera³² sujeitos não qualificados e isolados na produção, executando gestos mecânicos. Ao contrário, ele nos "permite compreender a plasticidade da nova força de trabalho" que depende da criatividade coletiva, da cooperação intelectual e funciona em rede, instaurando espaços comuns de comunicação. Mais e mais o trabalho aparece como atividade produtiva da multidão³³, de sua inteligência coletiva e de seu funcionamento comum, de sua paixão, de sua afetividade e de sua inventividade, em suma, de sua vitalidade. É a multidão que cria, gera e produz novas fontes de energia e de valor e não o império. Ele é apenas organizativo, mas não constituinte, ele parasita e vampiriza a riqueza virtual da multidão.

Desse modo é que podemos entender que a mais-valia do capital é uma mais valia de fluxos, pois o que ele extrai como mais-valia não se pauta num "plus" extorquido e não remunerado de trabalho executado (abstrato), mas se intensifica na intercambialização e serialização de fluxos de trabalho, fluxos de conhecimento, fluxos vitais, que são virtualizados fazendo com que ele ganhe sobrevida na "produção de conhecimentos e num trabalho vivo cada vez mais intelectualizado³⁴ e comunicativo". Ao mesmo tempo em que está ocorrendo

³² Podemos perceber este processo na constante incitação aos processos de formação permanente como forma de produzir a ilusão de estarmos sempre prontos para as novas necessidades do mercado de trabalho e/ou escaparmos do desemprego.

³³ O convite que estes autores (Negri ; Hardt, 2001) nos fazem para driblar as estratégias imperiais, que se esforçam para neutralizar a potência subjetiva e explosiva da multidão, alienando-a da sua produtividade, se ancora no entendimento do espaço biopolítico da multidão como ponto de partida possível, já que considerado do ponto de vista do desejo, da produção de um coletivo humano em ação. A multidão com sua força irremovível de criação de valor, seu trabalho imaterial, suas modalidades de criação, de cooperação e comunidade, mas também de escape, mostra que as lutas são , ao mesmo tempo, econômicas, políticas, culturais e biopolíticas.

³⁴ Cabe ressaltar que a extração da mais valia vêm se deslocando da extorsão direta operada sobre o trabalho executado pelo trabalhador para uma nova correlação de forças em que é a produtividade do próprio meio de trabalho que conta. Neste deslocamento, o fundamental não é mais o trabalhador apêndice, mas a força produtiva da ciência e da técnica, colocadas indiretamente à disposição do capital e introduzida em máquinas complexas.

um investimento deste capital globalizado para serializar, ele nunca valorizou e precisou tanto do cérebro do trabalhador e de sua potência inventiva; cérebro e potência que o próprio capital não pára de produzir e repor seletivamente para si próprio, cérebro que ele valoriza até poder diminuir-lhe o valor.

Este funcionamento generalizado do poder no "capitalismo mundial integrado" vai ser apontado, por Negri e Hardt, como uma nova forma de soberania chamada Império. O império é sem limites e sem fronteiras em vários sentidos, desde o englobar a totalidade do espaço-mundo, apresentando-se como ordem a-histórica, eterna, definitiva, até a penetração na vida das populações, nos seus corpos, mentes, inteligência, desejo e afetividade. Ele se encarrega positivamente da produção e da reprodução da própria vida organizando a totalidade das atividades da população³⁵.

Prolongando a intuição foucauldiana sobre o biopoder, os autores mostram que o poder agora não é mais restritivo, punitivo e não se exerce verticalmente, mas sob a forma de uma rede horizontal esparramada, entrelaçada ao tecido social e à sua heterogeneidade, articulando singularidades étnicas, religiosas minoritárias, e requerendo, com isto, novas modalidades de controle.

Reafirmando as análises delezeanas sobre a sociedade de controle, mostram que os mecanismos de monitoramento do império são, agora, mais difusos, ondulantes, imanentes e incidem sobre as mentes prescindindo de intermediações institucionais. Eles funcionam através de sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento e também de mecanismos de interiorização que são reativados pelos próprios sujeitos. Servindo-se de redes flexíveis moduláveis e flutuantes, o poder muda o seu raio de ação, mas também sua extensão, seu alcance e sua penetração.

Desse modo, o conceito de biopolítica para estes autores ganha uma outra dimensão, à medida que o articulam as tramas da subjetividade, ou seja, tomam o processo de produção e de reprodução da vida em todas as suas

³⁵ Podemos observar a dimensão biopolítica da sociedade de controle na diversidade crescente de publicações, em revistas semanais brasileiras, incitando ao auto-monitoramento da saúde física e psíquica, nos verdadeiros manuais de auto-ajuda para a vida sexual, alimentar, mental, afetiva, econômica e social.

manifestações do ponto de vista da dinâmica subjetiva que o determina e da potência destas dinâmicas de romper os enquadramentos axiomáticos do capital que as sintetiza e as aplaina. Se o capital funciona como "empreendedor biopolítico" que organiza, neutraliza e reprime as forças em jogo no contexto biopolítico, em que estamos todos imersos, este contexto se faz da conexão de processos vitais cujo horizonte é fractal.

Os fluxos de conhecimento, de afeto, de desejo e de comunicação são valores indestrutíveis e imprevisíveis em suas conexões. Estes fluxos, ao mesmo tempo em que se tornaram o "capital fixo" ou a base dos vínculos produtivos imprescindíveis para acumulação do capital, são potencialmente perigosos a esta acumulação, pois portam a potência vigorosa das linhas de escape da resistência, cuja multiplicidade afirma-se num revolucionar-se constante. Ao tirar todos os limites para a subsunção real e total da sociedade capitalista (Estados-nação, público e privado, liquidação das instituições), o capital, ao mesmo tempo, pôs a nu as sinergias da vida e a força coletiva do desejo.

O que está em jogo, aí, é a vida em meio aos riscos de sua dissolução, e também de sua expansão. A vida, como potência de invenção e de metamorfose, que o capitalismo tenta contrariar e neutralizar, tornando-a um intolerável que funciona como "remédio e combustível" para sua sobrevivência, é, paradoxalmente, o que pode envenená-lo, pois ela é portadora de coeficientes de liberdade inassimiláveis.

Políticas da interferência

A serpente capital, como vimos, expressa a estratégia de produção contemporânea do modo de produção capitalista que, ao funcionar cada vez mais molecularmente, opera uma laminação seletiva da potência vital em sua axiomática de ilimitação e de sujeição maquínica. Esta estratégia de apropriação seletiva da potência vital se dá em meio às combinações mais inusitadas com a serpente desejo, de modo que, não se contentando em ser "exterior a nós", vai "ocupando" o plano de imanência do ponto de vista das questões da produção social da existência, transformando-a em problemas da própria sobrevivência do capital e de sua inelutável ambigüidade. Assim o capital é

"co-participante" num plano que varia nele mesmo, pois é na vida, em sua variação constitutiva e molecular, que a serpente capital se entrelaça e "dá cria".

Estamos imersos neste complexo envolvimento da serpente capital e da serpente desejo, nesta dupla face do incontrolável apontando que não nos encontramos precisamente ante a dois opostos, a partir dos quais escolheríamos a melhor saída condizente com nosso modo de ser, mas imanentes nestas serpentes, em meio às combinações mais variadas entre esses incontroláveis. Não encontramos, neste sentido, uma entrada boa ou uma saída melhor; o que se apresenta neste entrelaçamento é uma indicação de múltiplos deslocamentos, múltiplas saídas e múltiplas entradas sempre pontuais.

Imersos nestas combinações, como pensar interferências na produção da existência que se aliem a outros modos de se estar nos verbos da vida? Como interferir na produção de uma vida digna de ser vivida?

As interferências que nos interessam se dão numa multiplicidade de ações de teoria e prática que transbordam os insuficientes limites do eixo sujeito-objeto. Não se trata de um interferir de um objeto dado sobre outro objeto dado, de uma unidade predeterminada sobre um sujeito preexistente, porém produzir interferências que façam vazar as multiplicidades que constituem a nós e as coisas.

Interferir entre desejo e capital é o nosso grande desafio, pois nossas interferências se tecem em meio aos funcionamentos e combinações destas serpentes e, implicam sempre, escolhas éticas e mutação subjetiva.

Sabemos que não há saídas de fora das ondulações dessas serpentes, mas nelas mesmas, em seus incontroláveis fluxos financeiros e desejosos; em suas variações que anunciam a presença de fluxos desejosos que podem se transformar em linhas de fuga e resistência.

